

De ações e reações

“Para fazê-lo se concentrar em um livro, tem de ser apaixonante, visceral, fazê-lo querer aquilo mais do que o último jogo que ele baixou no celular”, diz o escritor Raphael Draccon sobre o leitor de “terror fantástico” escrito no Brasil

Foto **Will Pauley**

Fanático pelos filmes de Bruce Lee desde a infância, o carioca Raphael Draccon decidiu, criança ainda, que seria tudo o que o herói era. Além de escritor e faixa-preta, também trabalharia com cinema. Aos 33 anos, ele lembra agora que levou mais de duas décadas para realizar o que então determinara como precoce sonho profissional – ou destino incontornável, dependendo do ponto de vista. Com sobrenome que ele mesmo escolheu, Draccon é romancista, roteirista e atua como editor com a autoridade e a *expertise* de um autor que já vendeu mais de 200 mil livros. No mais recente deles, *Cemitérios de dragões*, o primeiro pela Rocco, um soldado de elite do exército americano, uma guerrilheira africana, uma garçonete irlandesa que pratica artes marciais, um *hacker* brasileiro e um dublê francês que é mestre em *parkour* iniciam “uma jornada em busca de respostas para sobreviverem no centro de uma guerra envolvendo criaturas surpreendentes e demônios dispostos a invocar perigosos seres abissais para servirem a seus propósitos”. Draccon é um autêntico e bem sucedido representante de uma produção atual de “literatura fantástica” à brasileira que, com uma linguagem ágil e fantasiosa, é, no caso dele, assumidamente inspirada em uma visão adulta e sombria das séries Tokusatsu, produções japonesas repletas de efeitos e ações especiais, a exemplo do que acontece em *Jaspion*,

Changeman, *Flashman*, *Ultraman* e tantas outras, que, como diz o escritor, marcaram a infância de sua geração. Fenômeno editorial que mobiliza milhares de fãs em Bienais e eventos de livros Brasil afora, é uma leitura que, segundo Draccon, disputa atenção com jogos eletrônicos ou aplicativos hiperativos. Como autor, ele tem ganhado a batalha com louvor. Depois de iniciar a vida profissional trabalhando como digitador e redator em jornais de bairro na adolescência, Draccon foi estudar (cinema e artes marciais) e estreou como autor aos 22 anos, com o livro *Dragões de éter*, que faz um tremendo sucesso. Ele já até foi citado por Paulo Coelho, na época da recusa do escritor à Feira de Frankfurt, no ano passado. Casado com a também escritora Carolina Munhoz, Draccon tem vários projetos no cinema e mantém, por causa do sucesso que faz no México, contato com o diretor Guillermo del Toro (do filme *O labirinto do Fausto*), um de seus ídolos. Com a visibilidade que o trabalho lhe trouxe, faz questão de atuações sociais que priorizam a filantropia e a transformação da educação de crianças e jovens. Leia a entrevista do escritor à *Vila Cultural*.

Vila Cultural. Quanto tempo trabalhou em *Cemitérios de dragões*?
Raphael Draccon. Provavelmente uns dois anos. Se contar a ideia inteira, vai bem mais do que isso. A questão é que estou sempre rabiscando os cenários muito

tempo antes das histórias. O livro que for escrever daqui a cinco ou seis anos está sendo rabiscado desde agora. Então há essa sensação de longitude.

VC. Por que, na sua opinião, a cultura pop japonesa mudou o comportamento do jovem, sobretudo para a sua geração?

RD. Os japoneses são demais, né? Eles possuem uma cultura espiritual, uma organização e um pensamento únicos. Eles deram uma lição nos estádios brasileiros, recolhendo o lixo após os jogos da Copa do Mundo. É um povo que ensina ao mundo como se reconstruir e a cultura pop deles carrega muito disso. Honra, lealdade, amizade, superação, mesmo diante das tragédias. Todos nós admiramos isso e são conceitos que todo jovem busca absorver.

VC. Que avaliação faz da recepção do novo livro até agora?

RD. Os leitores estão aprovando, as resenhas estão positivas, o lançamento na Bienal foi intenso e o pessoal tem comparecido nos lançamentos em diferentes lugares do país. Não haveria como estrearmos melhor a Fantástica Rocco.

VC. Que diferença faz estar numa grande editora?

RD. Estar em uma grande editora é uma responsabilidade já por si só. É caro lançar um autor e o mercado atual é cruel. Se você tem uma grande chance e não aproveita, você não terá outra.



Best-seller com *Dragões de éter*, Raphael Dracon, que atua como editor para o selo Fantástica Rocco, lançou recentemente *Cemitérios de dragões*, que, ele admite, se inspira numa visão adulta e sombria das séries japonesas que influenciaram sua geração

Então quando ela chegar é bom estar preparado. Costumo me tornar uma espécie de embaixador das editoras que represento. Realmente visto a camisa, viro noite, palestro em dezenas de eventos abertos ao público ou fechados para os livreiros. Artista trabalha com criação, é verdade, mas é um trabalhador como qualquer outro. Para viver disso é preciso viver isso.

VC. Como se deu a transformação de tramas com pegada mais juvenil (*Fios de prata, Dragões de éter* etc.) para um contexto-história-situação bem mais adulta?

RD. Eu tinha o costume de alternar desde cedo *Dragões de éter* com histórias com essa pegada. O *Dragões de éter 1* escrevi com 22 anos, e em seguida *O coletor de espíritos*. Depois, *Fios de prata* e então um *thriller* policial intenso. Aí só então *Dragões de éter 2*. Era sempre um livro e um roteiro por ano, independentemente de estar ou não publicado. A gente sempre entrega o melhor de um momento. Hoje estou com 33 anos e determinados temas me interessam mais do que outros. Já a diferença de linguagem vem da evolução na escrita. A ideia é sempre aprimorar a cada obra.

VC. Consegue identificar quem são os leitores de Raphael Draccon?

RD. É possível identificar onde começa, mas não onde termina. Começa aos 13 anos e aí não tem fim. Vai desde o garoto que se empolga com *Dragões de éter* até o pai de família que hoje ganha seu próprio dinheiro e compreende todas as referências de *Cemitérios de dragões*.

VC. Na ficção, você transita com propriedade entre o que há de melhor e pior na raça humana. Na vida real, como lida com o que nós, humanos, temos de melhor e de pior?

RD. Eu venho de uma origem pobre. Meu pai morava no Morro do Borel e era lá que ia visitar minha

“Se milhares de pessoas querem ler o que você escreve ou ouvir o que você fala, isso lhe dá uma responsabilidade sobre elas.

avó. Brincava com meus amigos pulando vala de esgoto. Um amigo que cresceu comigo foi encontrado em um matagal e reconhecido pelas roupas. Já levei um golpe de faca por um amigo. Chegar até aqui não foi, nem deveria ter sido fácil. Mas eu também conheci pessoas que dedicam sua vida à caridade. Pessoas que me treinaram em artes marciais desde pequeno. Pessoas que me apresentaram conceitos espirituais ou que me ajudaram por simplesmente julgar que eu merecia. Meu melhor amigo de infância batia lá na minha garagem às dez da noite, onde eu deitava no capô do carro esperando minha avó terminar as crises alcoólicas, pra me buscar e pagar um sanduíche de jantar. Entende aonde quero chegar? Eu tinha amigos que viraram pixadores e tenho hoje amigos estrangeiros que são *best-sellers* milionários. E todos eles me ensinaram e me ensinam sobre tudo isso até hoje.

VC. Como decidiu pelo seu sobrenome de escritor?

RD. O dragão é o símbolo máximo da fantasia, das artes marciais e, no Oriente, também da espiritualidade. É tudo que me inspira desde pequeno. “Draccon” é como meu cérebro leu a palavra “drákon”. Hoje até minha mãe me chama assim e o sobrenome vai entrar na minha identidade oficialmente.

VC. Em que circunstância você descobriu sua habilidade para o texto e como decidiu que ganharia a vida contando histórias?

RD. Aos seis anos eu vi Bruce Lee e prometi que seria tudo o que ele era: escritor, faixa-preta e que trabalharia com cinema. A partir dali começaram as tentativas e

foram 20 anos até cumprir toda a promessa.

VC. Que tipo de responsabilidade você se atribui como jovem autor *best-seller*?

RD. Se milhares de pessoas querem ler o que você escreve ou ouvir o que você fala, isso lhe dá uma responsabilidade sobre elas. Tio Ben já ensinava isso a Peter Parker dezenas de anos atrás. O escritor hoje nunca esteve em tanta evidência e isso é uma conquista que deve ser valorizada pelos artistas.

VC. Como definiria o jovem leitor brasileiro em 2014?

RD. É um leitor com um alto grau de raciocínio e uma baixa absorção de conteúdo. Ele faz muitas coisas ao mesmo tempo. Para fazê-lo se concentrar em um livro, tem de ser apaixonante, visceral, fazê-lo querer aquilo mais do que o último jogo que ele baixou no celular. A mágica do escritor está aí.

VC. É legítimo falarmos em “literatura fantástica à brasileira”?

RD. É legítimo sim. Sempre se escreveu o gênero por aqui, mesmo os autores clássicos. Cada autor teve influências próprias de sua geração. O gênero fantástico brasileiro, porém, antes era limitado a um grupo fechado, exposto por fanzines ou editoras pequenas. André Vianco é nosso grande herói por abrir o mercado comercial. Hoje ele é um irmão muito querido, que eu e minha esposa Carolina consideramos família. É uma honra estarmos juntos na mesma casa.

VC. Poderia falar da “comédia nerd” que terminou recentemente?

RD. Ela se chama *O Clube*. Foi vendida para a Dama Filmes, que

recentemente lançou o *Não pare na pista*, cinebiografia do Paulo Coelho. Está em fase de captação de recursos e remete a filmes como *Superbad* e *Projeto X*.

VC. Como é que você define o seu estilo, o seu jeito de escrever?

RD. É uma pergunta difícil essa. As cenas de ação costumam ser bem visuais e diretas. As cenas contextuais mais descritivas e literais. As cenas emotivas são mais poéticas. E todas elas possuem um desenho próprio, que é mais fácil fazer do que explicar. A pessoa tem todo o direito de gostar ou não gostar de como escrevo, mas independentemente disso, ao se familiarizar ela vai saber quando um texto é meu.

VC. A que atribui o seu sucesso?

RD. À conexão com leitores que amam as mesmas coisas que eu.

VC. Como aconteceu o contato com o cineasta Guillermo del Toro?

RD. A antiga vice-presidente da Sony Pictures Latin America soube da minha paixão pelo cinema dele, além do fato de eu tê-lo citado bastante em minhas entrevistas no lançamento de *Dragões de éter* no México. Ela fez a ponte e eu pude contar a ele o que foi para a minha geração, que cresceu com os Tokusatus, assistir a *Círculo de fogo* no cinema. Quando estive Estados Unidos, ele me avisou que estava filmando em Toronto, mas afirmou que será um prazer nos conhecermos na próxima oportunidade. Será uma grande honra.

VC. O que pensa sobre o uso do português em tempos de comunicação virtual e linguagens tão breves?

RD. Nunca se leu e se escreveu tanto. As abreviações e comunicação breves são bem propícias ao nosso tempo de hoje, em que a velocidade do mundo mudou. O problema é que muitos não sabem separar a comunicação virtual da comunicação real. Aí temos redações de vestibular com “vc” ou “hj” ou termos como “ancioso”, o que

O dragão é o símbolo máximo da fantasia, das artes marciais e, no Oriente, também da espiritualidade. É tudo que me inspira.

é um tanto quanto incompreensível, já que dá o mesmo trabalho escrever uma palavra de maneira errada ou de maneira certa. Isso sim é para causar tremores.

VC. Quais foram os autores determinantes na sua formação?

RD. Na infância, Monteiro Lobato, gibis e os contos de fadas. Na adolescência, Jorge Amado (*Capitães da areia* é meu livro preferido), Robert Howard (do Conan), Bernard Cornwell, Neil Gaiman, Alan Moore, Frank Miller, Eiji Yoshikawa (do Musashi), George Martin e Stephen King (meu autor favorito). Já Tolkien foi a porta para o mundo do RPG, que é a melhor escola para criação de personagens que um escritor pode ter.

VC. De que outros autores, além dos “mestres fantásticos”, você gosta?

RD. Fernando Pessoa, Shakespeare e Castro Alves. Eu tomava banho recitando *Navio negreiro*, acredita? Os livros do Rubem Alves me foram importantes e, assim como com *Capitães da areia*, minha cabeça explodiu quando li *O auto da Compadecida* do Ariano Suassuna. O final de *A revolução dos bichos* é o melhor final de um livro para mim e gosto muito dos livros e da escrita do Markus Zusak, de *A menina que roubava livros*. São autores que amo.

VC. Como cidadão brasileiro, por que acha importante praticar filantropia?

RD. Quando você vem de uma vida difícil, muita coisa que outras pessoas valorizam perde o sentido. Se tornar uma figura pública é bom? De diversas maneiras sim. Mas o que se faz com isso? É a questão da responsabilidade. A minha

vida hoje é espetacular perto do que eu já vivi. Até os 28 anos eu nunca soube o que era ter dinheiro pra mim. Tudo o que entrava era pra pagar dívida. Fui saber o que é viagem internacional três anos atrás. Quando meu pai morreu, eu mal tinha uma editora. Sentei na escada da antiga casa e fiquei pensando: “E agora?”. Ele não me deixou qualquer herança, só uma dívida que, junto dos cartões da minha mãe, beirava os 15 mil reais, uma casa caindo aos pedaços e o alcoolismo da minha avó piorado. Louco, né? Se eu não tivesse base, vai saber o que eu teria feito. E, ainda assim, hoje eu estou aqui. E aí você acha que meu objetivo vai ser o quê? Sentar pra tomar chá e falar sobre como o primeiro parágrafo do meu próximo livro evoca a beleza do parnasianismo? Eu prefiro palestrar na UPP pra um bando de moleque que nem chá pra tomar tem. Vou trabalhar para ser cada vez mais conhecido sempre, mas não pela fama, entende? Mas para aumentar o alcance, porque eu sei quantas pessoas desistem da vida ou dos seus próprios sonhos – o que é quase a mesma coisa – porque lhes faltou uma palavra ou alguém que lhes servisse de inspiração. Como Bruce Lee serviu pra mim. Por isso é lindo ver a revolução nas Bienais. Tirar a coisa elitizada da literatura e a figura intocável do autor. Não, estamos aqui, em uma vida igual a sua. E escrevendo sobre ela. É assim que eu defino a literatura: uma arte que serve para o que o escritor precisa colocar para fora e para o que o leitor precisa colocar para dentro. A filantropia para dentro ou para fora evoca o nosso melhor. Mesmo porque a caridade não é um dos caminhos para a paz interna. É o único. ✨